

O discurso sobre as greves na imprensa regional: vozes em disputa pelo poder da significação

Ângela Felippi & Patrícia Regina Schuster

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

E-mail: angelafe@unisc.br, pati.jornalista@gmail.com

Resumo

Este artigo discute como se deu a cobertura das greves realizadas na década de 1980 pela imprensa de Santa Cruz do Sul, município polo do Vale do Rio Pardo (RS), região conhecida por concentrar o maior parque de beneficiamento de tabaco do mundo, localizada no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. O texto analisa como o jornal hegemônico dessa região, *Gazeta do Sul*, do grupo *Gazeta Comunicações*, construiu o discurso sobre os embates entre capital e tra-

balho ocorridos no município durante o período de abertura política no país. A discussão está amparada teórica e metodologicamente na Análise de Discurso e concentra-se na forma com que a publicação arquitetou as vozes presentes no discurso a respeito deste fenômeno social. A ação grevista que integra o *corpus* deste trabalho – a greve geral de 1987 – aponta que as perspectivas enunciativas dominantes favorecem as posições patronais.

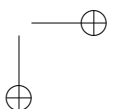
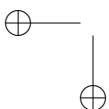
Palavras chave: imprensa, movimento grevista, análise de discurso

The discourse about the strikes in the regional press: voices in power struggle of signification

Abstract

This article discusses how the coverage of the strikes in the 1980s was carried out by the press of Santa Cruz do Sul, a city hub of Vale do Rio Pardo (RS), whose region is known for concentrating the largest processing tobacco park in the world, in the state of Rio Grande do Sul,

Brazil. The paper analyzes how the hegemonic newspaper of the region – *Gazeta do Sul*, from the *Gazeta Communications Group* - built the discourse on the conflicts between capital and labour, which occurred in the municipality during the period of political openness in the coun-



try. The discussion is supported theoretically and methodologically in Discourse Analysis and focuses on the way the publication masterminded the voices present in the discourse on this social phe-

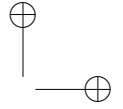
nomenon. The strike action that is part of the corpus - the general strike of 1987 - points out that the dominant perspectives outlined tend to favor employers.

Keywords: press, striker motion, discourse analysis

A década de 1980 representa um marco na história grevista brasileira. O país viveu neste período uma movimentação sem precedentes na esfera das relações capital e trabalho. Se nas décadas anteriores, devido à censura instaurada pelo governo ditatorial, esses fenômenos sociais, como notícia, ficavam restritos às publicações sindicais, na sua grande maioria, a partir dos anos 70, quando os metalúrgicos do ABC Paulista¹ promoveram os primeiros embates, passaram a ocupar o centro das atenções políticas, situação que terminou repercutindo na mídia do país inteiro.

Neste artigo, o objetivo é descortinar como a imprensa regional brasileira, tomando o caso do jornal *Gazeta do Sul*, do município de Santa Cruz do Sul, Vale do Rio Pardo, no estado do Rio Grande do Sul, tratou das greves da década de 80, a partir de uma análise do discurso da cobertura da greve geral de 1987. Pretende-se, ainda, mostrar que as ações grevistas, bem como sua cobertura midiática, não ficaram circunscritas ao ABC Paulista, cuja região tem pautado a maior parte dos estudos por ter desencadeado esse processo no Brasil. Convém atentar que a reflexão aqui se concentra no estudo das vozes presentes no discurso da *Gazeta do Sul*, jornal hegemônico no Vale do Rio Pardo, região localizada no centro leste do Rio Grande do Sul. Preocupa-se em estudar como o jornal arquitetou o discurso sobre a greve realizada em Santa Cruz do Sul, município pólo do Vale do Rio Pardo e local da sede do jornal.

1. A região do ABC Paulista corresponde aos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, parte deles pertencente à região Metropolitana de São Paulo e detentores do primeiro parque industrial automobilístico do Brasil. Nos anos 80, sagraram-se pelas greves realizadas e pela força que o movimento sindical adquiriu no período, inclusive formando grandes lideranças, como então metalúrgico e mais tarde presidente do país, Luis Inácio Lula da Silva.



Jornalismo: um mosaico polifônico

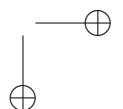
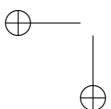
O jornalismo, cuja matéria-prima são as notícias, está repleto de vozes sociais, dissonantes ou confluentes. Seu discurso nutre-se de várias fontes, o que termina por classificá-lo como polifônico. Entretanto, isso não quer dizer que ele busque a polissemia. Muitas vezes, a notícia tende a fazer eco a apenas uma significação.

Pensar o jornalismo como parte de um processo de construção discursiva não é tarefa simples na medida em que a fórmula apresentada pelos dispositivos midiáticos não é essa. Porém, como dizia o filósofo russo Mikhail Bakhtin, os deslocamentos da vida se dão, invariavelmente, através das trocas simbólicas, que ele chamou de dialogia. O funcionamento é primitivo: a palavra quer ser ouvida, entendida, replicada e – como num ciclo infinito – quer direito à réplica, tréplica e assim sucessivamente. Ela embarca num diálogo, cujos sentidos não morrem, mas sim se renovam a cada nova investida do sujeito. Esse diálogo não se limita à troca de enunciados. “Ele é construído em razão da relação com o sentido, a partir da compreensão de um enunciado. Um discurso, até atingir seu objetivo, que é o de persuadir e construir sentidos, baseia-se nas relações que mantém com o Outro, com o interlocutor” (SILVA, 2005, p. 114).

Tudo isso se torna crucial se a proposta for colocar o jornalismo no centro das discussões. Ora, todo e qualquer intercâmbio informacional que os veículos produzem com seus públicos-alvo são regulados por estes parâmetros. O ato de informar, necessariamente, acolhe um emissor e um receptor. Além do mais, ambos os “personagens” são sujeitos de uma intertextualidade interna e plasmados por uma memória do passado. Trocando em miúdos: são polifonicamente marcados.

Antes de descortinar os segredos que atravessam a noção de polifonia, convém explicar as dissimilaridades entre dialogia e polifonia. Barros (1997, p. 35) diferencia:

[...] distingue claramente dialogismo e polifonia, reservando o termo dialogismo para o princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso e empregando a palavra polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos que escondem os diálogos que os constituem.



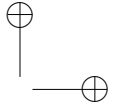
Polifonia, sob o princípio de Oswald Ducrot, que foi quem restaurou o dialogismo bakhtiniano, pressupõe, basicamente, a multiplicidade de vozes de diferentes locutores e enunciadore. Muito embora, como assinalam Barros e Fiorin (1994), a fidelidade ao autor soviético tenha sido menos importante no que tange à aliança do discurso com a história e à unicidade do sujeito falante. Barros e Fiorin (1994, p. 5) discorrem:

Para sua teoria da polifonia, o sujeito que produz psicofisiologicamente o enunciado, aquele que diz eu ou o que origina os atos ilocutórios não são obrigatoriamente o mesmo. Distingue, além do falante empírico, locutores e enunciadore e afirma que um texto pode contar com mais de um locutor ou com vários enunciadore. [...] Nesse caso, a polifonia atinge sua plenitude: as vozes que dialogam e polemizam “olham” de posições sociais e ideológicas diferentes, e o discurso se constrói no cruzamento de pontos de vista.

É desta forma que se arquiteteta o discurso jornalístico. A ação de contar um acontecimento supõe uma ampla variedade de usos linguísticos. Ao interpretar o mundo, o locutor (que pode ser o jornalista) apresenta os personagens, reporta seus sentimentos e emoções, narra “lance a lance”, qualifica, nomeia os acontecimentos. Cada uma dessas etapas demanda da utilização de estruturas discursivas diversificadas. Retomando Melo (1997, p. 188), o “sujeito que conta” é um ‘sujeito heterogêneo’, que nos permite constatar a variação dos modos de organização da narrativa em função dos conteúdos, bem como das capacidades precoces de retomada-modificação dos modelos culturais”.

Esta é mais uma fala que valida a abordagem polifônica ducrotiana, a qual prognostica que um enunciado sempre é faculdade de múltiplos personagens. Deste modo, o sentido emana da tensão provocada entre as vozes que participam deste panorama. Em última análise, Ducrot (1977) refuta a unicidade do sujeito. O autor defende que um enunciado não tem origem em um único indivíduo. Há vários sujeitos – entre eles o sujeito empírico, o locutor e o enunciadore – que estão engajados nesse processo.

O sujeito empírico configura-se no autor efetivo, no ser real, material, “pai” do enunciado. O locutor é o sujeito responsável pelo discurso, o “eu” discursivo (que, necessariamente, não carece ser o mesmo que o sujeito empírico). Quanto aos enunciadore, estes são abstratos, já que se personificam nas diferentes “visões” que permeiam o texto. Benetti e Jacks (2001, p. 08) com-



pletam que o “locutor é quem fala, o enunciador é aquele ‘a partir de quem se vê’”.

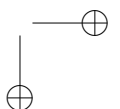
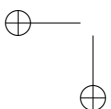
Essa é uma das muitas situações do universo jornalístico que ratifica “a visão do paradigma construcionista de que a notícia é um produto resultado da interação entre diversos sujeitos inseridos no processo” (DARDE, 2006, p. 65). Contudo, a complexidade da manufatura noticiosa está longe de ter seu ponto final por aqui. O texto jornalístico aglutina um arsenal de vozes – repórter, editor, empresa jornalística, fontes. Mas isso nem sempre (ou quase nunca) é flagrante para o receptor.

Importante ressaltar que o simulacro polifônico tem um porquê: trata-se de mais um artifício de legitimação da imprensa, que vai ao encontro do compromisso social do campo midiático.

O jornalismo, entendido como construtor de sentidos sobre a realidade, é um discurso que deve representar a diversidade de pensamento da sociedade contemporânea. Deste modo, apenas a pluralidade de perspectivas de enunciação pode configurar o jornalismo como um campo representativo dessa complexa estrutura social na qual estamos inseridos. (DARDE, 2006, p. 69-70).

A demonstração de que esse compromisso vem, sistematicamente, sendo abandonado pelos órgãos de imprensa será apresentada na sequência, quando da análise da greve geral de 1987. É consenso admitir que sob a custódia de todo e qualquer discurso está uma polifonia não intencional, cuja origem – na visão psicanalítica de Sigmund Freud, relida por Jaques Lacan – é o inconsciente. O sujeito, a partir deste critério, não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem. Ele é, sim, a soma do consciente e do inconsciente.

O discurso jornalístico teima subestimar a capacidade crítica dos consumidores de informação. Sob um pretense domínio discursivo, acomoda-se um mosaico polifônico, em que várias vozes insistem falar. Entretanto, boa parte das vezes elas não estão escoradas em posições enunciativas díspares. É o que se poderá ver logo adiante, mas antes, vai-se voltar ao cenário de onde emergiram os personagens que cancelaram suas vozes no cenário comunicacional.



Vale do Rio Pardo: formação e características do sindicalismo

O Vale do Rio Pardo é fruto de uma política imigratória do governo brasileiro que levou alemães para a região a partir de 1849 (SKOLAUDE, 2008). Com a colonização, vem o florescimento da indústria na região, cujo bom efeito dá-se ao sucesso de sua produção agrícola de tabaco, voltada para abastecer mercados regionais e nacionais. Foi o capital acumulado por comerciantes que estimulou o desenvolvimento das atividades de beneficiamento de produtos primários e facilitou a proliferação de novas unidades de produção, essas amparadas em aportes tecnológicos mais avançados (SILVEIRA, 2007).

Quando, em 1905, um decreto elevou a então colônia de Santa Cruz à categoria de município, o plantio do tabaco já se insinuava como um dos mais importantes produtos da região, essencialmente agrícola. O monopólio de comerciantes locais na comercialização do fumo produzido nas propriedades rurais da região foi o primeiro responsável pelo progressivo aumento da produção, da instalação e da disseminação de manufaturas do produto nos núcleos urbanos coloniais da região, como Santa Cruz do Sul (SILVEIRA, 2007).

Ao longo dos anos, a produção, beneficiamento industrial e a exportação do tabaco foram oportunizando a acumulação de capital e orientando novos investimentos para a reprodução deste capital, fato que não só ratificava a especialização que a economia desta área colonial da região apresentava como modificava semblantes urbanos (SILVEIRA, 2007). Ao longo da primeira metade do século XX, as indústrias fumageiras passam a ser transnacionais, situação que redundou na modernização da atividade produtiva, e implicou, a partir de 60, na ampliação da produtividade e na alteração da qualidade dos produtos exportados, repercutindo, na contratação de mais mão de obra².

No rastro das transformações de cunho espacial, projetaram-se relevantes metamorfoses sociais e econômicas. É aí que os trabalhadores – enquanto sujeito coletivo – assumem a centralidade desse processo. Em meados da década de 1980, estruturou-se na região um movimento com a mesma frequên-

2. Para se ter uma dimensão da força do setor fumageiro no país, durante a safra 2008/2009 mais de 2,5 milhões de pessoas (1,05 milhão na lavoura; 30 mil na indústria; e 1,44 milhão em “diversos” – empregos indiretos) estiveram envolvidas no processo (AFUBRA, 2011). Conforme informações de Mário Poll (2011), só no Vale do Rio Pardo, atualmente são 195.430 produtores.

cia do ocorrido no ABC Paulista. O quadro sindical é reestruturado, especialmente, em Santa Cruz do Sul, município que sedia os maiores sindicatos da região. Oposições sindicais ligadas à Central Única dos Trabalhadores – CUT –, de características mais combativas em relação às antigas associações e sindicatos e comprometidas com um novo modelo de sindicalismo, passaram a derrotar antigas lideranças sindicais e a inquietar um quadro há anos estagnado.

O primeiro sindicato a se filiar a CUT foi o dos bancários. Em julho de 1987, um grupo de trabalhadores identificados com o Movimento de Oposição Bancária - MOB -, tendência ligada à CUT, organiza uma chapa de oposição e vence as eleições. Na sequência, vem o sindicato dos comerciários de Santa Cruz do Sul e região. Em fevereiro de 1987, dois grupos independentes da direção da época concorrem e a um deles, que tinha apoio do Partido dos Trabalhadores – PT –, vence e passa a compartilhar do modelo de sindicalismo combativo. Em 1988 a entidade filia-se à CUT. Em agosto de 1987 foi a vez dos metalúrgicos (PAS, 2009).

Já em 1989, são os trabalhadores do vestuário que elegem uma nova direção comprometida com a luta. O grupo que vence era amparado pelos sindicatos dos bancários, comerciários e metalúrgicos. Em 1993, a entidade filia-se, oficialmente, à CUT.

Marcada pelo Novo Sindicalismo³, a região, e nela fundamentalmente Santa Cruz do Sul, por concentrar mais postos de trabalho e um maior número de indústrias e empresas, é reflexo da insurreição paulista. A “virada” de postura sindical foi basilar no sentido de fazer com que segmentos dos mais variados passassem a demonstrar seu descontentamento com políticas de todas as ambíudes (salarial, econômica, social...) e fizesse das paralisações um evento habitual na agenda da região.

E os reflexos disso vão estar nas páginas do jornal *Gazeta do Sul*. Ao longo dos anos 80, segundo levantamento de Schuster (2011), em torno de mil notícias, reportagens e textos de opinião foram publicados sobre as greves na região, que mobilizaram trabalhadores dos setores público e privados, com

3. É denominado Novo Sindicalismo o momento pelo qual passou o movimento sindical brasileiro a partir do fim da década de 1970. Trata-se de uma nova postura sindical, iniciada, particularmente, com as greves do ABC Paulista. Amparado numa proposta mais agressiva, do Novo Sindicalismo emergiram inúmeras lideranças sindicais. De acordo com Cruz (2000), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) foi a representação orgânica deste processo.

paralisações das categorias de professores estaduais e privados, comerciários, trabalhadores do transporte coletivo intermunicipal, agentes da polícia civil e funcionários do poder judiciário estadual, entre outros.

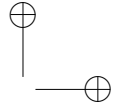
Gazeta do Sul: imprensa regional nos anos 80

O jornal *Gazeta do Sul* foi idealizado em 1945 por um grupo de moradores de Santa Cruz do Sul, descendentes de imigrantes alemães, para suprir uma carência deixada por outro periódico editado entre 1891 a 1941, em língua alemã, o *Kolonie*, que havia deixado de circular em função das restrições da campanha nacionalista do Estado Novo. Começou a circular como semanário, num período de forte urbanização e industrialização do município, com a consolidação da indústria fumageira de capital estrangeiro, a conseqüente a migração de mão de obra da região para o município e o crescimento do comércio local.

Ao final da década de 50 o jornal já tinha caráter regional, mas passa a ser diário somente nos anos 90. Atualmente, é um dos dois diários editados em Santa Cruz do Sul. Seu concorrente, o *Diário Regional*, tem pouco mais de um ano de vida e ainda não se consolidou junto aos leitores e aos anunciantes. Em relação a outras mídias, concorre desde sua existência com a *Rádio Santa Cruz*, criada em 1956; a partir dos anos 70, com o semanário *Riovale Jornal*; e, nos anos 80, com a sucursal da *Rede Brasil Sul de Comunicação – RBS TV* –, afiliada da *Rede Globo* no Rio Grande do Sul.

Gazeta do Sul é hegemônico devido a sua origem, pioneirismo, tempo de existência e por pertencer a um grupo de comunicação regional, que por sua vez também detém, no seu conjunto, a hegemonia no Vale do Rio Pardo. O *Gazeta Grupo de Comunicação* reproduz na realidade regional o que os grandes conglomerados de comunicação fazem na escala nacional ou global. Desde os anos 80, concentra propriedade, é multimídia e está em constante transformação para manter sua posição. Nos outros municípios do Vale do Rio Pardo, disputa leitores com jornais semanais ou bisemanais, geralmente de estrutura e qualidade técnica e editorial inferior a sua.

Nos anos 80, *Gazeta do Sul* seguia os movimentos da imprensa interiorana do período, operando com recursos tecnológicos limitados em relação ao que já era disponível. Era editada em preto e branco, tablóide (tamanho



que mantém até hoje), tinha cerca de vinte páginas e não contava com serviço de agência de notícias. A publicação era trissemanária, as informações eram basicamente locais e regionais, com entradas estaduais e nacionais em caráter extraordinário. A redação era composta de um editor, um repórter esportivo, dois de *Geral e Local* e um de *Rural* (SCHUSTER, 2011). Nenhum deles possuía formação acadêmica em jornalismo. É somente nos anos 90 que o jornal se informatiza, opera com acesso à internet e ganha impressão a cores.

Em relação à cobertura de greve, nos anos 80, assim como a imprensa em geral no Brasil, a *Gazeta do Sul* estava se adequando à situação de democracia no país, começando a cobrir esse tipo de evento. Devido a sua estrutura enxuta, o jornal não chegou a ter setoristas para a cobertura de greve, mas, independente de quem produzia a notícia, o jornal foi desenvolvendo uma forma de relato sobre a greve que não ficou distante dos padrões adotados pela grande imprensa, geralmente dando voz aos trabalhadores, porém falando predominantemente a partir da perspectiva enunciativa da classe patronal. A notícia analisada neste artigo é uma mostra da cobertura do jornal feita no período.

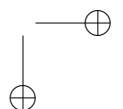
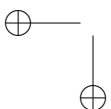
Greve geral: múltiplas vozes e um só discurso

A greve geral de 1987 foi a maior das greves gerais chamadas durante a década de 1980. A paralisação aconteceu no dia 20 de agosto e nesta data o jornal destinou uma página inteira para ouvir como trabalhadores e entidades patronais estavam se organizando para a ocasião. A notícia em análise relativa a essa greve foi eleita para compor o corpus deste artigo graças à pluralidade de fontes que asila e o seu potencial polissêmico⁴.

Adesão à greve geral debatida em plenária

Em plenária realizada na terça-feira à noite, no auditório do Colégio Sagrado Coração de Jesus, diversos líderes sindicais debateram com trabalhadores a greve geral marcada para hoje. Com a presença aproximada de 300 trabalhadores havia uma certa apreensão quanto à adesão ao movimento. “Se houver união dos trabalhadores e uma grande participação na greve, obteremos êxito [...]”, explicou o vice-presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação, José Engel.

4. Devido à extensão da notícia, foram selecionados para apresentação neste artigo os trechos em que ocorrem as citações das falas das fontes, tanto de forma direta, como indireta.



[...] Até ontem haviam confirmado participação na greve, os sindicatos dos Comerciários, dos Bancários, Vestuário e dos Trabalhadores Rurais. O sindicato da Alimentação decretou “estado de greve”, devendo os trabalhadores exercerem as funções normalmente nas respectivas empresas [...].

O coordenador do 18º Núcleo do CPERS, José Louzado, disse que é um momento de união de todos os trabalhadores e que um movimento para ser forte necessita da colaboração e esforço por parte da categoria [...].

A plenária também analisou possíveis pressões de empresas contra a paralisação dos funcionários. Segundo disse o presidente do Sindicato dos Comerciários, Afonso Schwengber, a ameaça de descontar da folha de pagamento o dia referente à greve não desmobilizará os trabalhadores, [...].

Nas indústrias, adesão deverá ser inexpressiva

Apesar do “estado de greve” e o apoio ao movimento grevista, os trabalhadores vinculados aos Sindicatos da Alimentação, Metalúrgicos e Construção Civil trabalharão normalmente hoje.

Em igual situação estão os Sindicatos dos Metalúrgicos e da Construção Civil que, inclusive, estão às vésperas de uma eleição sindical. “As eleições sindicais e as pressões que os empregados estão sofrendo são fatores que desmobilizaram a categoria quanto à greve [...]”, afirmou o presidente do Sindicato da Construção Civil, Selvino Melchior.

O Sindicato do Vestuário resolveu aderir à greve, contudo, devido à pouca representatividade na assembléia (sic) da categoria, a maioria dos funcionários deverá trabalhar.

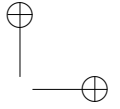
ACI prevê que no máximo 10% não irão trabalhar

O presidente da Associação Comercial e Industrial de Santa Cruz do Sul, Jacob Braun, disse ontem que todas as indústrias deverão trabalhar normalmente no dia de hoje, visto que calcula que não mais de 10% dos trabalhadores irão aderir ao movimento grevista.

Machado: este não é o momento para a greve

Este não é o momento oportuno para manifestação como a que está sendo anunciada para hoje declarou o vice-presidente do Sindicato do Comércio Varejista, Júlio Machado.

Bancários realizam piquetes na greve.

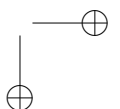
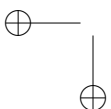


De acordo com o presidente do Sindicato dos Bancários, André Beck, a classe luta pela estabilidade no emprego, reposição salarial de 37 por cento (sic), volta do gatilho salarial mensal e também contra a atual política do governo e contra os banqueiros, que descontaram da folha de pagamentos os dias referentes à paralisação anterior.

Brigada garantirá a ordem

O comandante da Brigada no município, cap. Oraci Garcia Rossoni, disse que os trabalhadores serão garantidos pela corporação, para fazer suas manifestações de forma livre, pacífica e sem dificuldades e que aqueles que não aderirem à greve, que quiserem desenvolver suas atividades profissionais, também terão seu acesso às empresas garantido livremente. (Gazeta do Sul, 20 ago. 1987).

Impressiona o número de fontes presentes na notícia, prática nem sempre comum no jornalismo, especialmente em coberturas factuais. Para melhor situá-las, serão relacionadas, junto às suas respectivas perspectivas enunciativas, na tabela abaixo:



Loc.	Quem Representa	Enunc.	Perspectiva de Filiação
L0	<i>Gazeta do Sul</i>	E0	<i>Gazeta do Sul</i> (enquanto instituição)
L1	Repórter que redigiu o texto	E1	<i>Gazeta do Sul</i> (enquanto instituição)
L2	José Engel, vice-presidente do Sind. das Indústrias da Alimentação	E2	Sindicato/Trabalhadores
L3	Sind. da Alimentação	E3	Sindicato/Trabalhadores
L4	José Louzada, coordenador do 18º Núcleo do CPERS	E4	Sindicato/Trabalhadores
L5	Afonso Schwengber, presidente do Sind. dos Comerciantes	E5	Sindicato/Trabalhadores
L6	Trabalhadores vinculados ao Sind. dos Metalúrgicos	E6	Sindicato/Trabalhadores
L7	Trabalhadores vinculados ao Sind. da Construção Civil	E7	Sindicato/Trabalhadores
L8	Selvino Melchior, presidente do Sind. da Construção Civil	E8	Sindicato/Trabalhadores
L9	Sind. do Vestuário	E9	Sindicato/Trabalhadores
L10	Jacob Braun, presidente da ACI	E10	Patronal
L11	Júlio Machado, vice-presidente do Sind. do Comércio Varejista	E11	Patronal
L12	André Beck, presidente do Sind. dos Bancários	E12	Sindicato/Trabalhadores
L13	Oraci Garcia Rossoni, comandante da BM	E13	Estado/Governo Estadual

Fonte: Autoras.

Tabela 1: Locutores e Enunciadores da notícia em análise.

A *Gazeta do Sul*, enquanto organização, foi a armadura discursiva tecida pelos demais locutores. Nela está penhorada a voz da comunidade do Vale do Rio Pardo, já que se considera a “legítima porta-voz da comunidade”⁵, e da instituição enquanto empresa. Para L1 (o jornalista, repórter) parece haver um padrão jornalístico: ausência de assinatura e rigorosa impessoalidade.

Nos outros dizeres em trânsito, assenta-se:

1. um L2 coletivo (Engel fala enquanto representante dos trabalhadores das indústrias de alimentação) marcado pelo discurso direto e indireto;
2. um L3 coletivo marcado pelo discurso indireto (*O sindicato da Alimentação decretou “estado de greve”, devendo os trabalhadores exercerem as funções normalmente nas respectivas empresas.*);
3. um L4 coletivo (Louzada fala enquanto representante do magistério público estadual) marcado pelo discurso direto e indireto;
4. um L5 coletivo (Schwengber fala enquanto representante dos trabalhadores do comércio) marcado pelo discurso direto e indireto;
5. um L6 coletivo pelo marcado pelo discurso indireto ([...] *os trabalhadores vinculados aos Sindicatos da Alimentação, Metalúrgicos e Construção Civil trabalharão normalmente hoje.*);
6. um L7 coletivo pelo marcado pelo discurso indireto (idem à situação anterior).
7. um L8 coletivo (Melchior fala enquanto representante dos trabalhadores da construção civil) marcado pelo discurso indireto;
8. um L9 coletivo marcado pelo discurso indireto (*O Sindicato do Vestuário resolveu aderir à greve, contudo, devido à pouca representatividade na assembleia (sic) da categoria, a maioria dos funcionários deverá trabalhar.*);
9. um L10 coletivo (Braun fala enquanto representante dos empresários) marcado pelo discurso direto e indireto;

5. Este *slogan* é apresentado no *site* da instituição (<http://www.gaz.com.br/gazetadosul>) como uma de suas visões, inerentes a sua identidade corporativa. O texto na íntegra diz o seguinte: “A *Gazeta do Sul* é o jornal líder em circulação e legítimo porta-voz das comunidades do Vale do Rio Pardo. Zelar por sua independência e valer-se das tecnologias disponíveis para oferecer qualidade e eficiência nos serviços são desafios permanentes. A partir de seu comprometimento com as questões e demandas regionais, apresenta-se como instrumento de debate e promoção do desenvolvimento para solidificar cada vez mais sua liderança no mercado”.

10. um L11 coletivo (Machado fala enquanto representante dos empresários) marcado pelo discurso direto e indireto;
11. um L12 coletivo (Beck fala enquanto representante dos bancários) marcado pelo discurso direto e indireto;
12. um L13 coletivo (Rossoni fala enquanto representante do Estado) marcado pelo discurso direto e indireto.

A polifonia, neste conjunto de notícias, é inequívoca. Não só pelo ruído das treze fontes encontradas no texto, mas porque existe um “outro”, umbilicalmente, ligado a cada um dos “eus”. “Em outras palavras, o outro perpassa, atravessa, condiciona o discurso do eu” (FIORIN, 1994, p. 29). Mas antes de assegurar que todos os “sons” emitidos não estejam destoando, é bom ter cautela.

Na tabela anterior averiguou-se que nem todas as vozes estão na mesma frequência. Elas falam de posições-sujeito diferentes. A “olho nu”, estariam os trabalhadores (e suas representações) sobressaindo-se discursivamente sobre o patronato, contudo, basta revirar um pouco mais esse solo enunciativo para ver o quanto ele é movediço.

E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9 e E12 falam da perspectiva enunciativa do trabalho, E10 e E11 do capital e E0, E1 e E13 seriam neutros, o que discursivamente não corresponde. “Todos os enunciados são necessariamente ‘palavras de ordem’, diz Deleuze. O que significa dizer que nada é dito impunemente, nada é gratuito, falar é marcar posição, definir terrenos” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 14). E0 e E1, que falam da mesma perspectiva, trazem nas suas falas posições que – ora e outra – declinam.

As marcas: *havia uma certa apreensão quanto à adesão ao movimento* (primeiro texto); *Nas indústrias, adesão deverá ser inexpressiva* (título do segundo texto) e *O ideal seria o diálogo entre os trabalhadores e os empresários, através de seus respectivos sindicatos, o que sem dúvida, seria muito mais produtivo* (terceiro texto) são alguns dos muitos exemplos que fazem gravitar a voz avaliativa e sentenciadora do jornalista e, com ele, da publicação. O jornalismo não permite (pelo menos nos espaços informativos, como o que está em análise) presunções ou julgamentos, mas nesta notícia a *Gazeta do Sul* solidarizou-se discursivamente com uma possível opinião que guarde contrariedade com a greve e agiu, de quebra, como um “lugar tri-

bunástico' onde sentenças são proferidas para serem cumpridas" (FAUSTO NETO, 1999, p. 83).

Outra particularidade que merece destaque são as aspas na expressão “estado de greve”, ditas por L1-. Os enunciadores E0 e E1 impuseram – através do sinal gráfico – um distanciamento daquela fala. Conforme Maingueneau (1997) seria o jeito dos locutores se colocarem além destes enunciados. Dizer, veladamente, que aquele “estado de greve” não é seu. Ademais, as aspas aqui causam a impressão de que o locutor esteja querendo zombar da situação, uma vez que nas construções seguintes, ele afirma (avalizado por outros locutores que atravessam seu discurso) que os trabalhadores trabalharão normalmente – [...] *devendo os trabalhadores exercerem as funções normalmente nas respectivas empresas; Apesar do “estado de greve” e o apoio ao movimento grevista, os trabalhadores vinculados aos Sindicatos da Alimentação, Metalúrgicos e Construção Civil trabalharão normalmente hoje.*

E13, embora não seja agente ativo dos polos capital *versus* trabalho (nesta circunstância não) também não está indefinido, enquanto enunciador. Ele vale-se da voz do governo, que assume a postura patronal quando é o funcionalismo público que está paralisado. Mesmo não sendo esta a situação que está em jogo, a fala de L13 incrimina sua anuência a este posicionamento discursivo, já que o tom sonorizado na retransmissão é o de repressão ao movimento – [...] “*Apenas vamos aumentar o número de policiais na rua, porque o dia será atípico*”; O cap. Oraci Garcia Rossoni disse *que um maior efetivo estará nas ruas pela manhã e à tarde, especialmente nos locais de manifestações públicas* [...].

As perspectivas, confessadamente, patronais – E10 e E11 – não dão margem para dúvidas. São fartos os exemplos. Jacob Braun e Júlio Machado (ambos, além de prepostos das duas entidades patronais, eram empresários de Santa Cruz do Sul) ancoram às suas falas sentidos que vão desde a tentativa de desmobilização - [...] (Jacob) *calcula que não mais de 10% dos trabalhadores irão aderir ao movimento grevista* –, passam pelo amedrontamento dos trabalhadores – [...] *descontar o dia dos faltosos* [...]; [...] *Brigada Militar estará mobilizada* [...] -, sensibilidade da categoria empresarial – [...] *os empresários compreendem que os salários estão defasados, mas que a greve não é o melhor caminho* -, até chegar à radicalidade dos possíveis grevistas – *Este não é o momento oportuno para manifestação* [...] (como se houvesse um momento...); [...] *empregados não são os únicos prejudicados* [...]; [...]

esta é uma greve política [...]; a classe empresarial acredita no bom senso dos trabalhadores [...] (porque só os trabalhadores têm de ter bom senso?).

Já as posições enunciativas que estariam a serviço de tirar os trabalhadores do laconismo, tocam, por vários instantes, as formações discursivas disseminadas através das posições enunciativas patronais. José Engel, vice-presidente do Sindicato da Alimentação, e Selvino Melchiors, presidente do Sindicato da Construção Civil – para ficar em dois casos – cogitam o insucesso da greve devido às pressões exercidas pelos patrões e, com isso, terminam por tencioná-los a não aderir ao movimento. Quem agradece e aplaude é o patronato.

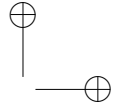
Como dividendo sonoro, admite-se que essa notícia seja polifônica. Porém é inegável que as vozes patronais tiveram maior regalia. Não é pelo fato de se ter nove locutores falando da posição enunciativa dos trabalhadores que eles tenham tido essa prerrogativa. Ainda que não tivessem cometido tropeços enunciativos, todo o seu discurso está preso à E0 e E1, foi tomado pelos locutores que representam essas posições enunciativas da imprensa.

Pondo a término esta jornada analítica, pode-se certificar que os trabalhadores quase não ganharam voz na *Gazeta do Sul* nessa notícia. Na melhor das intenções, há um colossal desequilíbrio discursivo. O jornal fere sua função, enquanto palco de diferentes opiniões. Segue Benetti (2007, p. 120):

Entre as grandes problematizações a serem feitas sobre o jornalismo está a relação entre a sua natureza pública e sua exigência de que seja um lugar de circulação de diferentes saberes sobre os fatos e o mundo. Assim, apenas a pluralidade de perspectivas de enunciação pode configurar o jornalismo como um campo plural e representativo da diversidade social.

Ao abnegar-se disso, também induz seu leitor a pensar que aí – no discurso dos que, efetivamente, falam (empresários, governos) – esteja a “verdade dos fatos”. E são nestas narrativas, presentes nas fábulas contadas e recontadas pelo noticiário diário – e da *Gazeta do Sul* –, que se encastelam significações do tipo: “[...] o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, a propriedade precisa ser respeitada, o trabalho enobrece, a família é um valor supremo, a nação é soberana [...]” (MOTTA, 2007, p. 166) e assim por diante.

Sem qualquer contextualização, a gramática – subjetiva e imaginária – utilizada nas redações é produzir efeitos catárticos (hoje não fui eu quem fiquei sem ônibus, mas amanhã..., hoje não fui eu quem saiu ferido...), explorar contradições, expectativas, desejos, frustrações, jamais transformações coletivas.



Considerações finais

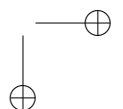
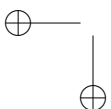
A análise da greve geral de 1987 é contundente ao colocar em relevo a fala de diferentes atores: representantes sindicais, representantes patronais, pessoas/entidades, aparentemente sem filiação a algum dos dois polos dos movimentos. Há, sem sombra de dúvidas, uma polifonia discursiva. Todavia, bastou desatar-se um pouco mais das amarras da obviedade, para ver que a *Gazeta do Sul* privilegia determinada posição enunciativa, muito embora o ritual da diversidade de fontes esteja posto, explicitando que o texto jornalístico é uma construção repleta de escolhas e sentidos ofertados ao leitor, que pode aceitá-los ou lhes fazer resistência. Muito embora, a notícia seja dada à recepção como um produto isento de subjetividades e posicionamentos assumidos pela instância da produção.

Os trabalhadores quase não tiveram suas posições enunciativas demarcadas. Fausto Neto (1999, p. 142) afirma que há várias maneiras de sofrer e de morrer dentro das páginas e hierarquias dos jornais. “Sujeito sem voz, ou voz assujeitada à voz-leitora dos jornais, esse é o mecanismo que caracteriza a moderna narrativa jornalística”. De posse destas duas táticas discursivas, o jornal emudeceu os trabalhadores, sepultou-os ou, quando lhes passou a palavra, fez questão de distanciar-se dela. Retomando Fausto Neto (1999), assujeitou essas vozes ao sabor da sua linha editorial, das crenças do jornalista que redigiu a notícia e daí por diante.

Fato é que o veículo – como ocorreu com parte da grande imprensa e, especialmente, da imprensa regional (dada à falta de aporte tecnológico e editorial) – estava aprendendo a lidar com os embates entre capital e trabalho. Mais do que isso: a operar na seara da democracia, já que por mais de vinte anos o Brasil esteve sob a égide ditatorial e a censura ainda rondava as redações.

Referências

AFUBRA, Associação dos Fumicultores do Brasil, Fumicultura no Brasil, Disponível em: http://www.afubra.com.br/principal.php?acao=conteudo&u_id=1&i_id=1&menus_site_id=10. Acesso em: 15 mar. 2011.



- BARROS, Diana Luz Pessoa de, *Teoria semiótica do texto*, São Paulo, Ática, 1997.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.), *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*, São Paulo, EDUSP, 1994.
- BENETTI, Marcia; JACKS, Nilda Aparecida, O discurso jornalístico, In: *X COMPÓS – ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO*, 2001, Brasília, Anais... Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1217.pdf. Acesso em: 15 mar. 2010.
- BENETTI, Marcia, Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos, In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (Org.), *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*, Petrópolis, Vozes, 2007, p. 107-122.
- CRUZ, Antônio, *A janela estilhaçada: a crise do discurso do novo sindicalismo*, Petrópolis, Vozes, 2000.
- DARDE, Vicente William da Silva, *As vozes da AIDS na imprensa: um estudo das fontes de informação dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo*, 2006, 186 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação – Mestrado e Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- DUCROT, Oswald, *Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer*, São Paulo, Cultrix, 1977.
- FAUSTO NETO, Antônio, *Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a AIDS*, São Paulo, Hacker, 1999.
- FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva, In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.), *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 29-36.
- GAZETA DO SUL, Apresenta informações gerais sobre o veículo, Disponível em: <http://www.gaz.com.br/gazetadosul/>. Acesso em: 10 fev. 2011.
- _____, Pesquisa realizada no Jornal *Gazeta do Sul*, no arquivo de 1º de janeiro de 1980 a 31 dezembro de 1989.
- MAINGUENEAU, Dominique, *Novas tendências em análise do discurso*, Campinas, UNICAMP, 1997.

- MARCONDES FILHO, Ciro, *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*, São Paulo, Hacker, 2000.
- MELO, Lélia Erbolato, Estrutura da narrativa ou gêneros, mundos, lugares discursivos & ompanhia? In: BRAIT, Beth (Org.), Bakhtin, dialogismo e construção do sentido, Campinas, Editora da Unicamp, 1997, p. 187-193.
- MOTTA, Luiz Gonzaga, Análise pragmática da narrativa jornalística, In: LAGO, Cláudia; MACHADO, Marcia Benetti, *Metodologia de pesquisa em jornalismo*, Petrópolis, Vozes, 2007, p. 143-167.
- PAS, Iran da Costa, *A ação coletiva dos trabalhadores em tempo de crise: o movimento sindical urbano de Santa Cruz do Sul (1980-2000)*, 2009. 180 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.
- POLL, Mário, Solicitação de informações sobre o número de produtores envolvidos no setor fumageiro no Vale do Rio Pardo, [Mensagem institucional], Mensagem recebida por mario@afubra.com.br em 16 mar. 2011.
- SILVA, Márcia Maria de Moraes da, *A polifonia nas letras das canções de Caetano Veloso, Falla dos Pinhaes*, Espírito Santo de Pinhal, SP, v. 2, n. 2, p. 111-150, jan./dez. 2005.
- SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da *Complexo agroindustrial do fumo e território: a formação do espaço urbano e regional no Vale do Rio Pardo – RS*. 2007. 578 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado e Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- SCHUSTER, Patrícia Regina, *Braços cruzados: o discurso do jornal Gazeta do Sul sobre o movimento grevista da década de 1980*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2011. Disponível em <http://btd.unisc.br/dissertações/PatriciaSchuster.pdf>. Acesso em 28 jul. 2011.
- SKOLAUDE, Mateus Silva. *Identidades rasuradas: o caso da comunidade afro-descendente de Santa Cruz do Sul (1970-2000)*, 2008, 146 f, Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2008.